

a Cruz e o Propósito Eterno de Deus



O PLANO DEFINIDO DE DEUS

T. AUSTIN-SPARKS

a Cruz e o Propósito Eterno de Deus



O PLANO DEFINIDO DE DEUS

T. AUSTIN-SPARKS

THE CROSS AND GOD'S ETERNAL PURPOSE

Direitos do autor

Publicado como E-book por Austin-Sparks.Net

Publicado pela primeira vez na revista *A Witness and A Testimony*, em 1934, com a seguinte nota: “As mensagens a seguir foram dadas em uma conferência na Basileia e foram traduzidas do alemão. Elas são aqui reproduzidas conforme traduzidas para o inglês por um amigo suíço”.

A CRUZ E O PROPÓSITO ETERNO DE DEUS

© 2024 Editora Restauração

www.editorarestauracao.com.br

Curitiba – Brasil

Tradução

João Alfredo Ferraz Barros

Revisão

Paulo César de Oliveira

Capa

Editora Restauração

De acordo com os desejos de T. Austin-Sparks de que o que foi recebido livremente deveria ser dado livremente, e não vendido com fins lucrativos, e que suas mensagens fossem reproduzidas palavra por palavra, pedimos que, se você optar por compartilhar estas mensagens com outras pessoas, respeite os desejos dele e as ofereça livremente – sem nenhuma alteração, sem nenhum custo (exceto os custos de distribuição necessários) e com esta declaração incluída.

Sumário

O plano de Deus.....1

A realização do plano de Deus..... 15

O plano de Deus

**Leituras: Efésios 1.11; 3.11; Romanos 8.28;
2 Timóteo 1.9; Colossenses 1.27**

O que aparece em primeira instância nessas passagens é o fato de que Deus tem um propósito definido em vista ou, como outras versões traduzem, que tudo está ordenado segundo um plano definido.

Em seguida, vemos que esse propósito tem a ver com um *mistério* que esteve oculto por séculos. Foi a Paulo que o Senhor revelou de maneira especial esse mistério, que, portanto, fala de um Evangelho que ele chama de seu Evangelho, boas-novas, que não lhe foram dadas por homens, mas pelo próprio Senhor.

Esse mistério está congregado em Cristo Jesus, com o objetivo de que o cumprimento do propósito de Deus em Cristo Jesus encontre seu pleno desenvolvimento por meio da Igreja. É a obra do Espírito Santo nos conduzir ao cumprimento do propósito eterno de Deus em relação à nossa vida, que se torna definida e firme à medida que reconhecemos claramente esse

propósito e plano de Deus.

Há dois aspectos que devem ser considerados de maneira especial.

Em primeiro lugar, que ninguém, além do Espírito Santo, sabe qual é o propósito eterno de Deus. Aqueles que mais trabalharam para Deus não teriam sido capazes de reconhecer os propósitos de Deus sem a ajuda do Espírito Santo. Embora o plano de Deus esteja estabelecido no Antigo Testamento, o Novo Testamento apenas o revela a nós. Somente à luz do Novo Testamento vemos nos tipos e símbolos do Antigo Testamento o que Deus queria desde o início, a fim de realizá-lo na plenitude dos tempos.

Em segundo lugar, devemos observar que nossa produtividade no serviço do Senhor depende do quanto cooperamos com Deus em relação a Seu propósito e objetivo eternos. Para todo aquele que foi chamado para o serviço do Senhor, mais cedo ou mais tarde, chega um momento em que ele reconhece que todo o seu esforço e trabalho são em vão; que não significa apenas morrer para o mundo, para o pecado e para si mesmo, mas que estar crucificado com Jesus deve abranger também o nosso serviço. Mas então, quando tivermos negado a nós mesmos

também nesse aspecto, quando nossa esperança de um trabalho frutífero repousar apenas e tão somente na confiança de que o próprio Deus vai realizar tudo em nós, nosso trabalho produzirá frutos duradouros.

Em vista do que dissemos, reconheçamos:

1. A necessidade absoluta de que o Espírito Santo revele Cristo em nós;
2. O governo e a liderança absolutos do Espírito Santo em nosso coração;
3. A completa sujeição de nossa vida a Cristo;
4. A necessidade absoluta de que nossa vida seja completamente guiada e dirigida somente pela Palavra de Deus.

Ao chegarmos lá, onde esses princípios nos preenchem, eles operam em nós e nos direcionam, Deus se comprometerá conosco, assumirá a responsabilidade de nosso ministério e todas as coisas, sejam elas quais forem, operarão juntamente para o bem. Então, o “bem” não será mais apenas o nosso bem-estar e a satisfação de nossos desejos. O “bem” é *a realização da vontade de Deus*, de modo que todas as coisas sirvam a esse

único e exclusivo propósito. Na vida do apóstolo Paulo, havia muitas coisas que pareciam ser nada “boas” ao homem natural, e muito menos agradáveis. Mas Paulo diz que elas contribuíram para a expansão do Evangelho e a manifestação do seu poder.

O que podemos fazer a não ser dizer, do fundo de nosso coração: Senhor, alinhe minha vida completamente ao Seu propósito eterno! Quando isso for feito, quando isso acontecer, haverá, mesmo na mais humilde e improvável vida, possibilidades eternas; nada, absolutamente nada, permanecerá sem significado e importância. Tudo estará a serviço da realização do bem maior; tudo servirá para o cumprimento do plano eterno de Deus. As muitas coisas deixarão de existir; em seu lugar haverá uma única coisa. As atividades que antes eram valorizadas como um sinal de boa obra darão lugar à obra silenciosa e profunda do Espírito Santo, para que Ele possa dar Seu tempo a todos, para que Ele possa nos mostrar tudo em sua verdadeira luz, e todas as coisas possam servir a um único objetivo.

Sabemos agora que Deus opera segundo um plano definido. Veremos que Deus está usando métodos especiais para a realização desse plano. É preciso reconhecer que Deus, na realização de Seu propósito eterno,

opera em tempos específicos.

Uma caminhada ininterrupta e íntima no Espírito com o Pai possibilitou que o Filho soubesse, momento a momento, o que o Pai queria, de modo que nada foi ineficaz por ter sido feito no momento errado. A palavra de ordem de nosso Senhor, com a qual nos deparamos com tanta frequência, é: “A minha hora...”. Toda a Sua vida estava concentrada na hora e direcionada a ela. Cada ato Seu estava relacionado a essa hora. E quando Ele disse: “Pai, é chegada a hora”, Sua vida foi cumprida, e isso exatamente na hora que o Pai havia designado para Ele.

Muitas vezes, somos derrotados porque não somos um com nosso Senhor em Seu tempo. Seria de grande importância para toda a nossa vida se estivéssemos sempre conscientes de que o propósito específico também tem seu tempo específico.

Quando Deus começa a nos usar, a fim de realizar Seu propósito eterno conosco de forma mais plena, não devemos nos surpreender se o conflito espiritual e os sofrimentos espirituais estiverem ligados a isso. Quando Abraão recebeu a promessa (Gênesis 15) e pediu um sinal especial, ele recebeu a graça de participar dos sofrimentos de Deus para a preparação de Seu povo.

Quando o sol se pôs, um grande medo se apoderou de Abraão, e “eis que grande espanto e grande escuridão caiu sobre ele” (v. 12). Anteriormente, ele havia oferecido os sacrifícios, apontando para o sacrifício de Jesus Cristo, a cruz do Calvário. Ele teve de lutar contra as aves que desceram para levar os sacrifícios. Naquele espanto e grande escuridão, Abraão experimentou de alguma forma a angústia e o sofrimento relacionados à libertação de um povo após quatrocentos e trinta anos de cativeiro no Egito. Deus lhe deu uma parte de Seus próprios sofrimentos; e como Deus poderia honrar mais Seus cooperadores?

Assim, vemos Daniel lutando em oração por seu povo. Nós o vemos em grande angústia, por causa da história que lhe foi mostrada.

Paulo fala de estar pronto para preencher em sua carne o que ainda falta das aflições de Cristo por causa do Corpo, Sua Igreja.

A maior honra com a qual Deus pode nos honrar é quando Ele nos torna cooperadores a quem revela Seu plano e a quem usa como instrumentos para sua realização, e que podem compartilhar os sofrimentos que estão ligados a ele.

O conhecimento do plano eterno de Deus nos é dado pela Palavra. Foi um mistério ao longo dos tempos. No Antigo Testamento, tudo aponta para o futuro, para Cristo. Ele congrega tudo em Si mesmo, e tudo se torna n'Ele a mais elevada realidade. Mas, em seguida, essa plenitude que está n'Ele é dada a Sua Igreja, e a partir desse ponto nossos olhos não são direcionados apenas para frente, mas também para trás. O mistério de que falam as Escrituras tem três partes:

1. Ele está relacionado ao próprio Senhor Jesus Cristo. É por isso que as Escrituras falam do “mistério de Cristo”.

2. Ele se refere ao crente individual, cujo relacionamento com Cristo é chamado por Paulo de mistério, o mistério “Cristo em vós”.

3. Ele se refere à assembleia corporativa, Sua Igreja.

Sabemos que a Arca da Aliança representa o Senhor Jesus Cristo. Como os filisteus não reconheceram esse fato, isso significou morte e destruição para eles. Quando capturaram a Arca e a colocaram triunfalmente no templo de Dagom, encontraram Dagom esmagado diante da Arca da Aliança. Onde quer que a Arca

chegasse, havia doença e morte. O “mistério de Cristo” foi eficaz no julgamento. A Arca da Aliança se manifestou como “cheiro de morte para morte”, porque alguns não se aproximaram dela pelo caminho que Deus havia designado.

O crente individual é, de maneira semelhante, um mistério para o ambiente que o cerca. O mundo não consegue entender que ele permanece perfeitamente calmo em todas as coisas, cheio de paz e alegria. O mundo não consegue entender que a morte não o amedronta e que toda a sua esperança está depositada naquilo que a mente humana não consegue compreender. É o mistério de Cristo em nós que opera de maneira tão maravilhosa e leva os homens a reconhecerem que Cristo realmente ressuscitou e vive nos Seus.

Esse testemunho é especialmente confiado a todos. Ele é dado à Igreja para confirmar repetidamente o fato da ressurreição por meio da consciência de sua posição celestial e de uma caminhada no poder da nova vida. Não devemos nos surpreender com o fato de o inimigo estar fazendo grandes esforços para roubar o segredo da Igreja. Não devemos nos admirar se ele tenta transformá-la em uma questão terrena, uma Igreja popular que pode estar ocupada com atividades sociais,

mas cuja natureza celestial e ser celestial não devem aparecer. Devemos dizer que, infelizmente, o inimigo conseguiu muito bem arrastar a Igreja para um nível terreno, tornando-a algo para os homens, governada por homens, de modo que seu sal e sua luz se perderam em grande parte.

Se quisermos, como assembleia, cooperar para a realização do plano eterno, então devemos cuidar para que nós, em cada membro individual, estejamos cheios do mistério “Cristo em vós”; que saibamos de forma viva qual é nossa posição celestial, nossa vocação celestial, nossos ministérios celestiais, a fim de permanecermos como aqueles que representam o Corpo de Cristo na Terra, com tal poder e plenitude que sua Cabeça seja “glorificada neles” (João 17).

Leitura: Hebreus 1.1-14

A cristandade de nossos dias tornou-se para muitos um sistema de diversos ensinamentos. Para os fiéis no início do cristianismo, não se tratava de ensinar, mas apenas e tão somente de conhecer o próprio Senhor Jesus Cristo. Tudo o que pertence à vida cristã e à experiência cristã, tudo o que incorpora o ensino e a verdade, todas as ordenações na Igreja, sim, a própria Igreja em

seu propósito e natureza, está, no Novo Testamento, em relação mais próxima com o conhecimento que é apresentado no próprio Cristo Jesus. Conhecê-lo significa conhecer todas as outras coisas. Portanto, não devemos nos surpreender que o anseio do apóstolo até o fim de sua vida fosse apenas este: “Conhecê-lo e o poder de sua ressurreição” (Fp 3.10).

Conduzir-nos ao conhecimento de Jesus Cristo é o ministério do Espírito Santo, porque Ele somente vê e contempla Aquele em quem “estais perfeitos” (Cl 2.10) ou completos. Jesus Cristo é a personificação de tudo o que se relaciona a Deus. N’Ele torna-se visível o que estava no pensamento de Deus. Ele é a perfeita revelação de Deus. “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14.9). Quão tolo é tentar, por meio deste ou daquele ensinamento, separado de toda a verdade, mostrar Cristo. Nossa necessidade é possuir o todo, sem nos tornarmos defensores desta ou daquela verdade e, assim, renunciando à verdade que, em si mesma, é única, completa e conectada.

O profeta Ezequiel tem de nos dar, em relação a isso, uma lição séria. Nos capítulos 40-47, a medida completa de nosso Senhor Jesus Cristo nos é mostrada, porque, se nesses capítulos há tanta coisa falada sobre

medidas, quase nada além de medidas, o que isso significa senão que Deus quer nos dizer de forma mais clara e mais vívida que tudo depende de Sua medida.

O capítulo 43, versículo 10, diz: “[...] mostra à casa de Israel esta casa”. Jesus Cristo é o modelo que Deus designou para nós. Ele é a personificação de todos os pensamentos de Deus. Se nada for dito sobre a glória desse templo, se encontrarmos novamente apenas medidas, isso significa que a glória de Deus não pode entrar a menos que a medida de Deus esteja completa. É aí que reside a mensagem desses capítulos. E não temos de confessar que os pensamentos e propósitos de Deus para Seu povo, Sua Igreja, se perderam em grande parte; que os pensamentos humanos se intrometeram, que os princípios humanos ganharam terreno na Igreja. Quanto mais possuírmos em nosso coração um conhecimento vivo de nosso Senhor Jesus Cristo, mais a plenitude e a glória de Deus se tornarão grandes e manifestas para nós.

O que precisamos, portanto, é conhecer o Senhor Jesus Cristo como aqueles que não fazem muitas perguntas, mas desejam saber apenas uma coisa: como andar por meio d’Ele (como fez Ezequiel por meio do Templo) segundo a boa vontade de Deus. O Espírito Santo pode revelar Jesus Cristo em nosso coração

quanto a cada detalhe de nossa vida. E somente à medida que o Espírito Santo revela Jesus Cristo a nós, Ele também resolve, ao mesmo tempo, todos os nossos problemas, porque a resposta para todos os nossos problemas é Jesus Cristo.

Para Paulo, Cristo foi a revelação de um mundo celestial. Desde o momento em que ele viu o Senhor, a ordem terrena das coisas havia desaparecido para ele. Ela havia desaparecido com o Crucificado e havia sido deixada de lado para sempre. O Ressuscitado significava “eis que tudo se fez novo” (2 Co 5.17). N’Ele, tudo foi elevado a uma nova vida, e essa vida era a expressão perfeita do próprio Filho de Deus. Ele era a medida, a plenitude de todas as coisas.

Tudo tem de estar de acordo com Ele; tudo tem de ser um reflexo d’Ele mesmo. Paulo aceitou, em todas as suas consequências, a linha de separação que Deus traçou na cruz entre ele e o velho mundo, “[...] o mundo está crucificado para mim [...]” (Gl 6.14).

Sabemos muito pouco sobre essa posição intransigente e sem reservas, e sobre o fato de nos voltarmos para essa coisa nova. É por isso que o alvo é reconhecido apenas vagamente, e os métodos para alcançá-lo são tão pouco de natureza divina. Que o Senhor tenha

o prazer de desviar nossos olhos de tudo o que é do homem e direcioná-los total e inteiramente para o próprio Cristo.

Que um profundo anseio por um conhecimento mais pleno de nosso Senhor encha nosso coração. Que Jesus, e Ele como o Ressuscitado, permeie nosso pensamento e nossa vida, de modo que tudo esteja de acordo com Sua natureza e Seu ser, Sua medida e Sua vontade. Precisamos d'Ele, não apenas de alguns ensinamentos sobre Ele. Cheia de Cristo, a Igreja deve ser Seu testemunho para o mundo, um testemunho que não pode ser ignorado, um testemunho no poder de Sua ressurreição.

CAPÍTULO 2

A realização do plano de Deus

Leituras: Hebreus 8; Ezequiel 40-47

Antes de continuarmos, vamos dizer apenas uma palavra sobre o propósito destas mensagens. Elas têm o objetivo de servir a este propósito: “[...] para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo” (Cl 1.28). O desejo mais profundo e a oração mais sincera por trás de sua publicação é que todos os que as lerem possam ser conduzidos à plenitude da glória de Deus em Cristo.

Isso não é para criticar a Igreja. Não tem a intenção de descobrir falhas. Quem deseja acusar a Noiva do Cordeiro? Quem quer, com o prazeroso conhecimento de que o Senhor vê Sua obra como concluída, reprovar a pobre forma terrena de Sua Igreja? Mas porque a glória da Noiva é tão indizivelmente bela, porque o chamado da Igreja é, além de toda expectativa, tão poderoso, porque o Senhor está esperando e desejando o crescimento e a conclusão de Seu Corpo, por essa razão,

e somente por isso, falamos, com a sincera oração de que seja do agrado do Espírito Santo levantar este testemunho no coração de todos os que o ouçam, para que ele possa ser compreendido e levado a cabo e sirva para a realização dos propósitos eternos de nosso Pai celestial.

A tipologia, ou seja, o significado simbólico do Antigo Testamento, é conhecida. Nas páginas do Antigo Testamento, o Espírito Santo fala de coisas que deveriam ter seu cumprimento somente em nosso tempo. Mas tudo está reunido na Pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo, que disse que o Antigo Testamento apontava para Ele e O representava (Jo 5.39, 46).

Se mantivermos isso em mente, então os capítulos 40-47 da profecia de Ezequiel terão um novo significado para nós; reconheceremos que não se trata apenas de coisas que tinham a intenção de servir à nação judaica, mas seu significado profundo é mostrar à Igreja de Deus de forma clara que tudo em seu meio deve estar de acordo com a medida de Cristo, que é o único fundamento, conteúdo e realização de Sua Igreja. É por isso que tudo na Igreja deve ser trazido de volta à medida de Cristo. E cada membro individual da Igreja deve cumprir sua medida de acordo com a medida de Cristo.

É notável que Ezequiel nos dê exatamente o dia em que o Senhor o levou em espírito a Jerusalém para mostrar-lhe o Templo. Foi no décimo dia do primeiro mês.

Essa declaração é muito significativa, pois nos faz lembrar do dia em que a história da salvação de Israel começou. E como a visão do Templo está ligada à lembrança da morte do cordeiro pascal no Egito, é mostrado a nós como tudo está girando em torno de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é Aquele que opera para a salvação de Seu povo por meio de Seu Sangue. Ele é o Templo no qual tudo deve servir à Sua revelação. Portanto, cada vez que chegamos a um fragmento importante da história de Israel, somos levados de volta ao dia em que o cordeiro pascal foi morto, em que uma época da história de escravidão terminou e uma era de liberdade começou.

Os quarenta anos de peregrinação no deserto foram um período triste. Vemos Israel em fraqueza. Exteriormente, está separado do Egito, mas o Egito está em seu coração. O povo murmura contra Deus, briga com seus líderes, até que o julgamento sobre a geração de mente carnal é inevitável, e todos os que haviam

saído morrem no deserto, exceto dois.

Com a passagem pelo Jordão, começa uma nova seção. No décimo dia do primeiro mês, o povo celebrava a Páscoa do Senhor, depois de ter recebido a circuncisão e, por meio dela, ter confirmado que pertencia a Deus, que os havia libertado do Egito e os levado à terra da promessa.

Em Neemias, o trabalho de construção do templo também começa no décimo dia do primeiro mês. Assim, no livro de Ester, onde ocorre a libertação do povo da astúcia de Hamã. E novamente em Ezequiel. Embora o evangelho segundo Marcos (11.14) não mencione o dia específico, tudo o que acontece nesses capítulos está intimamente relacionado ao décimo dia do primeiro mês. Na maldição da figueira, o Senhor está antecipando o julgamento sobre o Israel infrutífero. O magnífico Templo que os judeus tinham diante de seus olhos estava em contradição com os pensamentos de Deus. O Templo exterior não contava diante de Deus. Jesus era o Templo de Deus na Terra. Com Sua ressurreição, surge a nova Casa, a Casa espiritual, da qual Pedro fala; o novo Templo, sobre o qual Paulo escreve na carta aos efésios. Mas esse Templo só poderia vir a existir depois que Jesus Cristo, como nossa Páscoa, tivesse sido morto; depois

que aquilo que uma vez aconteceu no décimo dia do primeiro mês tivesse encontrado seu mais alto cumprimento na morte de cruz do Cordeiro de Deus. Todo um sistema de prefigurações simbólicas terminou. Um novo mundo de realidades espirituais chegou. A história da Igreja que está assentada com Cristo nas regiões celestiais começou agora.

Vemos que a plenitude dos pensamentos de Deus está ligada ao décimo dia do primeiro mês. E se nos tornarmos colaboradores de Deus, se desejarmos estar em comunhão com o propósito eterno de Deus e operar para dar frutos, então o que aconteceu no décimo dia do primeiro mês deve se tornar o alicerce de nossa vida. Precisamos reconhecer que fomos crucificados com Cristo em Sua morte. Devemos atravessar o Jordão e entrar em uma vida de vitória que esteja sob a direção direta do Espírito. Devemos e vamos procurar conhecer os pensamentos de Deus que encontraram sua expressão em Cristo Jesus, porque o propósito e o objetivo de Deus estão voltados para Sua Casa, um Templo espiritual, Sua Igreja. É algo que não está mais ligado a este mundo, assim como o Ressuscitado não pertence a esta Terra. A única relação que a Igreja tem com o mundo é por meio de seu testemunho de que Jesus Cristo é o Senhor.

A partir daí, Deus opera. Trazer isso à tona é a preocupação do Espírito Santo.

Muita fraqueza vem do fato de não termos reconhecido isso. Os homens trouxeram suas próprias ideias para aquilo que é de Deus. É por isso que Ele deixa o fardo sobre os ombros deles. Ele permite que eles sintam a responsabilidade de tal ação. Ele permite que eles encontrem os meios para fazer o que somente Deus pode fazer. Mas quando deixamos de lado tudo o que é do homem, abrindo espaço novamente para que somente Deus possa operar, Deus entra e cuida de Sua obra; mas temos a maravilhosa e abençoada certeza de que somos colaboradores de Deus, Seus instrumentos, nada menos que isso.

Mas isso significa que temos de estar prontos para seguir o caminho da cruz. Devemos ter chegado ali, onde a história natural do homem deixa de existir; no décimo dia do primeiro mês, quando o Cordeiro foi separado e, a partir daquele momento, toda a salvação foi encontrada somente em Seu Sangue. Quando a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo se tornou a nossa cruz, quando fomos crucificados com Ele, algo novo pode começar. A cruz é o fundamento de tudo. Por isso Paulo diz: “[...] mas nós pregamos a Cristo crucificado [...]”,

poder de Deus, e sabedoria de Deus” (1 Co 1.23-24).

Leituras: Mateus 21.33-40; 1 Pedro 2.1-9

Três coisas que já vimos:

1. Deus tem um plano definido.
2. Esse plano é um mistério, oculto há séculos.
3. Esse plano e propósito de Deus estão reunidos em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Agora chegamos à quarta coisa:

4. A realização de Seu plano em Sua Igreja.

Jesus havia dito: “Eu edificarei a minha igreja” (Mt 16.18). E, a partir de então, Ele começou a dizer a Seus discípulos que deveria sofrer a cruz. Isso nos mostra que a Igreja está em sua relação mais próxima com a cruz. A Igreja tem sido, na verdade, o propósito e o objetivo da vinda de Jesus, mas a cruz foi a maneira de chamá-la à existência.

Ninguém tem tanto direito de interpretar a palavra dada a ele quanto o próprio Pedro: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”. A

interpretação que Pedro dá a essa palavra mostra clara e inequivocamente que nunca lhe veio à mente considerar-se a rocha sobre a qual o Senhor queria edificar Sua Igreja. Em primeiro lugar, Pedro não tinha enxergado além da cruz e se encolheu diante do pensamento de que seu Mestre deveria ser tratado da mesma forma que os profetas de Israel haviam sido tratados antes. Ele não podia saber que a cruz era inevitável e necessária se, após a cruz, com base na ressurreição, estabelecida sobre “a pedra viva”, a Igreja viesse a existir, feita de pedras vivas. Mas, após a ressurreição de Jesus, Pedro compreendeu essa inerência de maneira maravilhosa e deixou isso claro com estas palavras: “E, chegando-vos para ele, pedra viva [...]” (1 Pe 2.4).

Jesus, como o Ressuscitado, é a Pedra Viva, o Fundamento que foi lançado! Aquilo que será construído sobre esse alicerce, como o Templo de Deus, deve estar de acordo com ele ou, em outras palavras, somente se formos ressuscitados com Cristo poderemos constituir a Casa espiritual da qual Pedro fala. Somente se estivermos separados do mundo, sendo crucificados para ele, Sua Igreja poderá ser aquela nação santa, o povo de Sua própria possessão.

Para entender essa expressão “nação santa”,

devemos nos voltar para a parábola que Jesus conta no evangelho de Mateus, capítulo 21. Os lavradores a quem o Senhor havia confiado Sua vinha não apenas roubaram Seus frutos, não apenas espancaram e zombaram de Seus mensageiros, mas também prenderam o próprio Herdeiro e O mataram. A vinha é o Reino de Deus. Ele é tirado daqueles que se mostraram indignos dele e é dado a “uma nação que dê os seus frutos” (v. 45). Essa nação é a Igreja. Ela tomou o lugar de Israel e foi incumbida de revelar em sua natureza aquilo que Israel não era.

As profecias de Balaão em Números 21 e 24 nos revelam a natureza especial da Igreja conforme tipificada por Israel. A Igreja é uma nação fora de todas as nações. Embora esteja no mundo, ela não é do mundo. O Novo Testamento não conhece nada sobre uma Igreja nacional. A Igreja é supranacional. Ela também não é uma organização que estaria sujeita a opiniões humanas. Ela é a Sua Igreja, na qual o Senhor Se revela como Rei. O brado de vitória está em seu meio. Ela é um testemunho do poder e da glória da ressurreição de seu Senhor. Assim foi visto por Deus, de acordo com as profecias de Balaão. Israel era, aos olhos de Deus, a nação mais real. No lugar da morte, no meio do deserto, estava cheia de vida e era vitoriosa por causa do Senhor.

Agora a Igreja, que tomou o lugar de Israel, deve ser um testemunho de Sua vida. Mas isso ela só pode ser se, separada do mundo pela cruz e reunida em torno da cruz e do Ressuscitado, ela cumprir seu testemunho em Seu poder. Onde quer que a Igreja tenha procurado se ligar ao mundo, quando ela se esqueceu de sua importância única, quando a carne não crucificada e os caminhos humanos não santificados surgiram nela, seu poder se foi, seu testemunho se perdeu. O propósito da Igreja é “mostrar-seus louvores”. O fruto do Espírito deve ser encontrado nela. Aquilo que Israel recusou ao Senhor, Sua Igreja deve dar a Ele, na mais rica plenitude, em obediência voluntária; e fazendo isso, ela realiza o plano de Deus e se torna o instrumento, de acordo com Sua vontade, por meio do qual revela Jesus Cristo ao mundo visível e invisível.

Leitura: Ezequiel 40

Se quisermos entender corretamente a descrição do templo em Ezequiel, devemos ter em mente que o ministério dos profetas era direcionar e conduzir continuamente o povo de Israel àquilo que Deus, desde o início, tinha em mente para Seu povo. O apelo: “mostre a casa à casa de Israel” tem esse propósito, direcionar o

povo por meio da imagem do templo para Aquele que é o templo – Cristo. O objetivo era mostrar novamente ao povo a medida de Deus e ajudá-lo a crescer de acordo com o pleno propósito de Deus para Seu povo.

O propósito de Deus para Seu povo, que agora é a Igreja de Jesus Cristo, é conduzi-lo à plena medida da estatura de Cristo. Para toda a Igreja, bem como para o indivíduo, tudo depende de reconhecermos e ocuparmos nosso lugar “em Cristo”. Nunca é demais enfatizar que toda a nossa crença, toda a nossa luz e todo o nosso conhecimento são, no fim, não apenas sem valor, mas aumentam o julgamento de todos aqueles que não estão realmente “em Cristo”. Para aqueles que estão em Cristo Jesus, a fé é vida, e toda a luz e todo o conhecimento servem agora para a promoção e a manifestação dessa vida. Nossa época é rica em conhecimento teológico, mas pobre em vida de ressurreição, sem a qual não pode haver testemunho nem frutos para Jesus Cristo.

Encontramos mais de dez vezes a expressão “câmara” no capítulo 40 de Ezequiel. Todas as câmaras são medidas e têm sua ordem e designação pelo próprio Deus. Portanto, temos diante de nossos olhos, em uma imagem, o propósito que mencionamos anteriormente, de que fomos designados para estar “em Cristo”. Sim, quando olhamos mais de perto, toda essa visão do

templo é, no fim, nada mais do que uma revelação do que significa estar em Cristo, porque todas essas câmaras falam de nossa permanência em Cristo e de nosso ministério n'Ele. Levitas e sacerdotes são designados para habitar nessas câmaras, e como a Igreja do Novo Testamento é um povo sacerdotal, é seu destino e seu privilégio habitar em Cristo. Mas cada um deve ocupar o lugar que lhe foi designado. Todos nós conhecemos essa tendência de tomar o lugar de outra pessoa. O lugar e a posição de outro nos parecem, muitas vezes, muito melhores do que o canto em que fomos chamados para trabalhar. Se não permanecermos onde o ministério nos foi dado, se a carne se levantar para buscar a própria satisfação em outro lugar, isso trará desordem à Casa de Deus; e o testemunho, que deveria ter sido levantado por meio da unidade do Espírito, será destruído.

Entremos no descanso ao reconhecer e assumir nosso lugar em Cristo. Entreguemo-nos totalmente ao Senhor, para que saibamos que o próprio Senhor está realizando tudo em nós e por meio de nós; então, a paz de Deus entrará em nosso coração, com alegria permanente.

Permanecer em Cristo dá poder à nossa vida. Nosso Senhor podia dizer de Si mesmo que estava

permanecendo no Pai. Ele permanecia no Pai porque não fazia nada fora de Si mesmo, porque toda a Sua vida era uma vida vinda de Deus. Portanto, não houve hora infrutífera em Sua vida; portanto, tudo foi maravilhosamente ordenado e cumprido.

Nessa imagem do templo, vemos ainda como os sacerdotes e os levitas recebiam sua porção no templo. Na linguagem da carta aos efésios, isso significa: “[...] Deus [...] nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo [...]” (1.3). E na carta aos filipenses: “O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus” (4.19).

Não apenas nossa posição e nosso ministério, mas também todas as nossas necessidades são supridas em Cristo. Permanecer n’Ele não significa apenas ocupar o lugar que nos foi designado para trabalhar em repouso, mas também viver a partir da plenitude, a fim de cumprir todos os deveres da vida diária na capacidade que nos foi dada em Cristo.

Cristo não é apenas o objeto de nossos pensamentos, não é apenas a contemplação viva de nossos pensamentos, mas também o objeto de nossa vida.

No coração, Cristo é o nosso mundo. É, por assim dizer, por meio da cruz do Calvário que saímos do mundo das coisas e entramos no mundo de Deus, onde o que é Divino está nos atraindo e enchendo; onde andamos em Cristo e vivemos para Aquele que nos envolve por todos os lados; de modo que enfrentamos todas as tentações deste lado terreno das coisas em Seu poder e permanecemos contra toda oposição em Sua vitória. Essa é a experiência do apóstolo, que exclama: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Fp 4.13).

De tudo o que trabalhamos e fizemos nesta Terra, resta apenas o que é segundo o Senhor, o que fizemos em Seu poder, de acordo com Sua medida e em Seu tempo, de acordo com Sua comissão e Sua vontade. E nosso lugar na glória resulta da medida em que crescemos em Cristo, e Ele Se manifestou em nós.

Outra coisa. As câmaras do templo nos lembram não apenas de nossa posição em Cristo, da provisão feita para os sacerdotes no templo, da plenitude que nos foi dada em Cristo para atender a todas as demandas; há outro fator significativo. Observemos que as câmaras do templo estão conectadas umas às outras. Em Cristo Jesus, estamos intimamente unidos. N’Ele não pode e não deve existir nenhuma separação. O

propósito do diabo é destruir essa unidade do Corpo de Jesus Cristo. O testemunho de Jesus se baseia nisso, no fato de reconhecermos nossa unidade n'Ele. "Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo" (1 Co 12.13). Jesus Cristo, como Cabeça, recebeu a unção para todos os Seus membros. Na unção do único Espírito Santo, permanecemos em um só testemunho da verdade do único Corpo e do único ministério, que não pode ser outro senão a glorificação de nosso Senhor, que deseja tornar-Se tudo em nós, para que também revelemos Sua plenitude por toda parte por meio do amor e da comunhão mútuos.

a Cruz e o Propósito Eterno de Deus

O que podemos fazer a não ser dizer, do fundo de nosso coração: Senhor, alinhe minha vida completamente ao Seu propósito eterno! Quando isso for feito, quando isso acontecer, haverá, mesmo na mais humilde e improvável vida, possibilidades eternas; nada, absolutamente nada, permanecerá sem significado e importância. Tudo estará a serviço da realização do bem maior; tudo servirá para o cumprimento do plano eterno de Deus. As muitas coisas deixarão de existir; em seu lugar haverá uma única coisa. As atividades que antes eram valorizadas como um sinal de boa obra darão lugar a obra silenciosa e profunda do Espírito Santo, para que Ele possa dar Seu tempo a todos, para que Ele possa nos mostrar tudo em sua verdadeira luz, e todas as coisas possam servir a um único objetivo.

Sobre o Autor

THEODORE W. AUSTIN-SPARKS (1888-1971) nasceu em Londres, na Inglaterra. Aos 25 anos de idade foi ordenado pastor. Alguns anos depois, deixou a denominação, abandonou o título de “Reverendo” e recebeu aquilo que denominou “um céu aberto”. Seu foco agora seria simplesmente Cristo. A partir de então, foi convidado a ministrar em conferências ao redor do mundo. Deixou-nos como legado um rico tesouro em suas mensagens repletas da sabedoria, vida e da revelação de Cristo.